

*Tempo de reencontro  
em Fernando Sabino:  
memória, literatura, história e modernidade*



Fotografia. Fernando Sabino.

*Lucilia de Almeida Neves Delgado*

Doutora em Ciência Política pela Universidade de São Paulo (USP). Professora do Departamento de História e do Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-Minas). Autora, entre outros livros, de *História oral: memória, tempo, identidades*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006. [lucilianeves@terra.com.br](mailto:lucilianeves@terra.com.br)

## Tempo de reencontro em Fernando Sabino: memória, literatura, história e modernidade

*Lucilia de Almeida Neves Delgado*

### RESUMO

Este artigo analisa o tempo da modernidade nas décadas de 1940 e 1950 no Brasil, com destaque para o efervescente movimento cultural da época. O foco principal recai sobre as temáticas da modernidade, do desenvolvimentismo, da temporalidade, das representações, das cidades, das gerações e da memória. A abordagem sobre esses temas é desenvolvida através de uma análise histórico-literária do livro *O encontro marcado*, de autoria de Fernando Sabino, publicado no em 1956.

**PALAVRAS-CHAVE:** memória; literatura; modernidade.

### ABSTRACT

*This paper analyzes modernity time in Brazilian 1940 and 1950 decades, stressing the huge cultural movement on that period. It focus subjects such as modernity, development and time thinkings, representation matters, cities, generations, memories. The reference about these themes goes through the literary study of Fernando Sabino's most remarkable book, O encontro marcado, first published in 1956.*

**KEYWORDS:** *memorie; literature; modernity.*



*O encontro malogrado entre a vida e Marciano (destrói o vento a haste sem que à flor cause dano). Deus murmurava de lado entre divino e humano: — comigo é que o marcaste.*

Carlos Drummond de Andrade

Em 1956, Fernando Sabino publicou *O encontro marcado*, seu livro de estréia na literatura brasileira, Um livro escrito e publicado na segunda metade da década de 1950 e ambientado nos anos de 1940 e 1950. Um texto literário que tem como pano de fundo o desfecho da segunda guerra mundial, em uma conjuntura na qual convicções foram despedaçadas, tradições questionadas e muitas vidas ceifadas. Naqueles já distantes anos, uma certeza se afirmava sobre inúmeras incertezas, a de que o mundo precisava ser repensado.

Foi um tempo no qual o Brasil inaugurou um novo clico político democrático, ingurgitado pelas conquistas da modernidade, que modificou o cotidiano e os hábitos de sua população e por pretensões

desenvolvimentistas na economia. O país não ficou isolado da euforia mundial do pós-guerra, que reativou a crença na democracia política liberal e incorporou novas demandas, trazidas pelo tempo de paz, tais como desenvolvimento social e respeito aos direitos humanos. Tamanho desafio também estimulou a imaginação de jovens escritores, entre eles o mineiro Fernando Sabino, que, influenciado pelo pensamento existencialista de Jean Paul Sartre, traduziu em sua prosa, enxuta e bem elaborada, os sentimentos e angústias da juventude de um tempo de transição e renovação.

*O encontro marcado* é um livro no qual memória e literatura, tendo como fundo a história, dialogam, através de uma narrativa que destaca o *alter ego* de Sabino, representado na trama por seu personagem central, Eduardo Marciano. Trata-se de um romance de geração, próximo a uma autobiografia. Todavia, não pode ser considerado um livro congelado em seu tempo, pois ao traduzir as angústias peculiares aos adolescentes e jovens da década de 1940, passou a dialogar ao longo dos anos de suas reedições consecutivas, com jovens, adolescentes e adultos de diferentes gerações.<sup>1</sup>

O livro tem como eixo central o tema da temporalidade tão caro à história. Tempo que, em seu movimento vital e em seu ímpeto inevitável, constrói ilusões, destrói certezas, gera dúvidas, cria e desata relacionamentos, traz novos afetos, aproxima e afasta pessoas e alimenta a vida com seus múltiplos movimentos. Movimentos temporais às vezes circulares — como a angústia de Marciano que sempre insiste em retornar. Outras vezes retrospectivos, quando as pessoas dialogam com as lembranças, fazendo do diálogo, saudade. E também prospectivos, quando projetam o futuro, como acontecia, naqueles anos de um Brasil, que se projetava nacional desenvolvimentista.

## Literatura e arte no Brasil da modernidade tardia

Quando historiadores brasileiros dirigem seus olhares para a década de 1950 encontram, em sua viagem temporal e espacial, um país efervescente e potencializado para o futuro. Isso porque a representação e a memória transmitidas sobre aqueles anos reforçam uma construção imaginária de que o novo prevaleceu sobre o antigo e de que o futuro era inerente ao presente visionário.

A história demonstrou, que não foi bem assim. A década desenvolvimentista projetou com otimismo o futuro, mas a realização desse futuro de progresso encontrou obstáculos que o tornaram menos dourado e mais contraditório do que as utopias construídas no esteio das concepções modernizadoras dos mandatos presidenciais de Getúlio Vargas e de Juscelino Kubitschek. Mas se o futuro não correspondeu, por completo, às expectativas e projetos inovadores dos anos do nacional desenvolvimentismo, a representação sobre esse período da história republicana brasileira, reproduz, como um lamento, como um sonho nostálgico, sua imagem como sendo a de um tempo de otimismo. Otimismo perdido no tempo presente. Otimismo talvez petrificado em uma década finda e inalcançável. Otimismo tão bem traduzido pelo título do livro de Joaquim Ferreira dos Santos: *Feliz 1958. O ano que não devia terminar*.<sup>2</sup>

Através de um forte movimento de construção de representações

<sup>1</sup> Em 2006, ao completar cinquenta anos de seu lançamento, *O encontro marcado* alcançou o número de 431 mil exemplares vendidos e chegou a 82 edições.

<sup>2</sup> Ver SANTOS, Joaquim Ferreira. *Feliz 1958. O ano que não devia terminar*. Rio de Janeiro: Record, 1998.

<sup>3</sup> As considerações acima traçadas sobre o pensamento econômico nacional desenvolvimentista foram extraídas de: BIELSCHOWSKY, Ricardo. *O pensamento econômico brasileiro: o ciclo ideológico do desenvolvimentismo — 1930-1964*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2004, e de TOLEDO, Caio Navarro. *ISEB: fábrica de ideologias*. 2. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1997.

<sup>4</sup> *Apud* OLIVEIRA, Carlos Alberto Teixeira. *JK: cinquenta anos de progresso em cinco de governo*. Belo Horizonte: Mercado Comum, 2006.

<sup>5</sup> Ver ÁVILA, Cristina e MIRANDA, Kátia. JK — homem das artes. In: ÁVILA, Cristina e CATEL Gisele Rocha da Silva. *JK — o estadista da modernidade*. Belo Horizonte: Secretaria Estadual de Cultura e Fundação Clóvis Salgado, 2002.

coletivas, reproduziu-se no senso comum do brasileiro a saudade de um passado no qual teria predominado o princípio da esperança. Poucos são os brasileiros que não relacionam os anos 1950 às imagens de progresso e de prosperidade. Na verdade, não há como negar que nessa fase da história republicana, além das inúmeras realizações econômicas e da prática da democracia política, a cultura também explodiu em criatividade.

Aqueles foram anos nos quais as produções artísticas e literárias encontraram terreno fértil para sua manifestação. Em especial, na segunda metade daquela década, ao projeto econômico desenvolvimentista de JK somaram-se iniciativas culturais de diferentes tipos. Os ares respirados eram os de uma modernidade tardia, que objetivava superar o atraso secular de um país, que se avaliava, era até então limitado tanto por estruturas sociais e econômicas consideradas obsoletas, como por expressões culturais pouco ousadas.

O projeto de construção de um Brasil mais urbano e mais cosmopolita foi amplamente divulgado por um conjunto de idéias, conhecidas como desenvolvimentistas. Essas idéias tiveram no Instituto Superior de Estudos Brasileiros (Iseb) seu principal pólo fermentador e divulgador. O Iseb foi instituição cultural criada em 1955, vinculada ao Ministério da Educação e Cultura e dedicada ao ensino e divulgação das ciências sociais. De forma geral os isebianos defendiam a adoção de políticas de incentivo prioritário à industrialização como forma de superar o subdesenvolvimento brasileiro. Suas concepções eram categoricamente afirmativas de que a viabilidade econômica nacional dependia de planejamento, definição de prioridades para os investimentos públicos e privados, determinação, ousadia, otimismo e vontade de realizar<sup>3</sup>. Os isebianos estavam sintonizados com a convicção governamental de que o Brasil podia alçar vôo em busca do futuro. A metáfora “vontade de voar” é bem traduzida pelo seguinte diálogo, entre Juscelino e o embaixador da Alemanha no Brasil: “— Afinal, presidente, onde o senhor mora, no Palácio do Catete ou no Palácio das Laranjeiras? Sorridente, Juscelino respondeu: — Moro no céu do Brasil”.<sup>4</sup>

Tendo como esteio essa dinâmica desenvolvimentista, aconteceu uma fermentação cultural que, por sua amplitude e alcance, pode ser considerada inédita na história brasileira. A conjugação entre política, economia e cultura, foi cultivada, ainda que de forma autoritária e centralizadora, por Getúlio Vargas na década de 1930 e no início da de 1940, mas sua expressão melhor acabada, pois conjugada à democracia política-eleitoral, aconteceu com Juscelino Kubistcheck, quando de seu mandato presidencial.

De 1956 a 1960, o presidente da república cercou-se de intelectuais, reproduzindo uma prática que já havia implementado desde a primeira fase de sua trajetória política na qual foi prefeito de Belo Horizonte e depois governador de Minas Gerais. Em seu leque de amigos seletos além de Oscar Niemeyer, Burslem Marx, Portinari e Alberto da Veiga Guinard, que o acompanharam desde os primeiros tempos de sua vida pública, estavam incluídos escritores como, Affonso Ávila, Autran Dourado, Alphonsos de Guimarães Filho, Fábio Lucas e Augusto Frederico Schmidt, que foi considerado um dos principais articuladores da fala desenvolvimentista do presidente.<sup>5</sup>

Difundiu-se naqueles anos uma euforia e um otimismo crescentes



que tinham na palavra novo sua melhor forma de expressão. Tudo era novo: bossa nova, cinema novo, nova capital<sup>6</sup>. Brasília, com seu formato de avião, foi construída como monumento e emblema da essência futurista do Brasil. De um “novo Brasil” inaugurado nos anos 1930, e consolidado na década de 1950. JK, que cravou para o futuro a imagem de estadista da modernidade, ensaiou os primeiros lances de seu ousado projeto modernizador, quando prefeito de Belo Horizonte, nomeado pelo interventor do governo autoritário do Estado Novo em Minas Gerais, Benedito Valadares.

Eram os anos 1940. O Brasil queria mostrar uma face mais moderna e o jovem prefeito da capital mineira não se furtou a abraçar e projetar essa causa. Visionário, entendia que o progresso econômico não prescinde de ser traduzido por uma euforia artística, em constante movimento: “A arte como emancipação sutil da mais profunda sensibilidade humana, não se pode subordinar a padrões fixos. Ela é móvel como o próprio pensamento e tem que refletir através de coloridos próprios, a misteriosa paisagem íntima que palpita dentro de cada espírito.”<sup>7</sup>

Como prefeito de Belo Horizonte, recorreu à parceria de artistas e revolucionou a paisagem urbana da capital de Minas Gerais. A cidade se modernizou e incorporou em sua arquitetura, traçado urbanístico e topografia grandes empreendimentos que buscavam alçá-la a categoria de metrópole moderna. Cidade metropolitana, que por algumas de suas características, como avenidas largas, amplas áreas para o lazer, cafés, confeitarias, salões para jogos e espaços para o *flâneur*, pensamos possa ser incluída no significado de modernidade urbana, tão bem elaborado por Willi Bolle em seus estudos acerca da representação benjaminina sobre metrópoles.<sup>8</sup>

O jovem prefeito de Belo Horizonte parecia não se descuidar de nada. Apoiou iniciativas industrializantes, pavimentou ruas e avenidas, abriu novos bairros, inaugurou hospitais, criou escola de artes. Também construiu um enorme e moderno complexo urbano destinado ao lazer, ao turismo e à moradia dos belo-horizontinos. Trata-se da lagoa da Pampulha, margeada por jardins, clubes, museu, igreja, casa de jogos e salão de baile. Além desse complexo arquitetônico foram implantados inúmeros bairros no entorno da lagoa, alargadas ruas e construídas vias de acesso à região. Juscelino buscava fazer da capital de Minas Gerais um paradigma, um cartão postal da modernidade, ainda que tardia.

A paisagem urbana belo-horizontina não seria nunca mais a mesma após a edificação, em 1942, do conjunto arquitetônico da Pampulha. Projetado pelos traços criativos e curvilíneos do arquiteto Oscar Niemeyer e refinado pelo paisagismo de Burle Marx, o conjunto da Pampulha abrangia diferentes edificações, entre as quais se destaca a Igreja de São Francisco, na qual estão expostos belos e à época polêmicos painéis de Portinari. A pintura de Portinari na igreja da Pampulha apresenta uma plasticidade inovadora, inspirada em Pablo Picasso. Suas representações, nada ortodoxas de cenas sacras, provocaram forte reação das autoridades eclesiásticas de Minas Gerais, um estado conversador e muito religioso.

De fato, a capital dos mineiros, visitada e arejada pelos ares da modernidade tardia nos idos da década de 1940, era ainda uma cidade provinciana, cravada no coração de um estado bastante tradicional. Essa Belo Horizonte funcional e positivista, sob a batuta de JK, foi convocada a

<sup>6</sup> Ver STARLING, Heloísa. *Os senhores das Gerais: os novos inconfidentes e o golpe de 1964*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1986.

<sup>7</sup> KUBSTSCHEK, Juscelino. *Discurso de inauguração da exposição de arte moderna em Minas Gerais*. Belo Horizonte, s/ed., 1944.

<sup>8</sup> Cf. BOLLE, Willi. *Fisiognomia da metrópole moderna*. São Paulo: Edusp, 2000.

<sup>9</sup> Ver ANDRADE, Luciana Teixeira. *A Belo Horizonte dos modernistas: representações ambivalentes da cidade moderna*. Belo Horizonte: Editora PUC Minas/C/Arte, 2004.

<sup>10</sup> Cf. VELHO, Otávio Guilherme. Geração. In: SILVA, Benedito (coord.). *Dicionário de Ciências Sociais*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1986.

se renovar e a abraçar as demandas de transformação modernizadora que contagiavam o Brasil à época do Estado Novo. Entre a pulsão da modernidade e o terreno seguro do conservadorismo a cidade oscilou. Durante muito tempo ora se deixou seduzir pela atração inevitável, que o novo sempre provoca, ora se deixou abraçar pela segurança de tradições seculares. A Belo Horizonte paradoxal da década de 1940 e o Rio de Janeiro dos anos subseqüentes. Eis os cenários do livro *O encontro marcado* de Fernando Sabino.

O Brasil otimista e efervescente da segunda metade dos anos 1950. Eis o tempo de publicação de importantes clássicos da literatura brasileira contemporânea. Dentre eles se destacaram *Grande sertão veredas*, de Guimarães Rosas, *A maçã no escuro*, de Clarice Lispector, *Morte e vida Severina*, de João Cabral Melo Neto, e *O encontro marcado*, de Fernando Sabino. Estes livros podem, sem qualquer sombra de dúvida, ser considerados como reais expressões de uma época caracterizada por grande vitalidade literária e pelo encontro/desencontro, naturalmente conflituoso, mas também estimulante, entre a tradição e a inovação.

### Fernando Sabino e o signo de uma geração

Fernando Sabino nasceu em 1923, época na qual foi difundido o signo do modernismo, que renovou o campo artístico no Brasil em razão da inquestionável influência da Semana de Arte Moderna, realizada em São Paulo, em 1922. O movimento modernista influenciou, com suas propostas de revolução estética, conceitual e de conteúdo, diferentes gerações de escritores e artistas. Chegou a Belo Horizonte, de acordo com Luciana Andrade, pelas mãos de escritores como Carlos Drummond de Andrade, Cyro dos Anjos e Pedro Nava, que, embora seduzidos pela revolução modernista, continuaram a cultivar, de forma ambígua, muitas das tradições nacionais e mineiras.<sup>9</sup>

Sabino inscreve-se em uma geração de escritores, formados sob a influência dessas concepções, que valorizavam a revolução urbana e ao mesmo tempo se rendiam ao fervor da brasilidade interiorana, através do gosto manifesto pelas tradições brasileiras. O conceito de geração, de acordo com Otávio Guilherme Velho, compreende, membros de uma sociedade que nasceram mais ou menos em uma mesma época, em um mesmo lugar ou em diferentes lugares; um segmento de tempo entre o nascimento dos componentes de uma sociedade e o nascimento de sua prole (em tono de 30 anos); Pessoas de uma mesma idade, muitas vezes influenciadas por manifestações culturais, condições e modos de vida de uma mesma época.<sup>10</sup>

Sabino, portanto, integra a geração literária, nascida na década de 1920. Geração que foi herdeira do modernismo e que, inspirada por seus antecessores, que protagonizaram a Semana de Arte Moderna, assumiu posições de vanguarda ao propor a adoção de novos estilos estéticos e literários. Geração que ensaiou seus primeiros passos sob a inexorável influência de um clima de eufórica e desafiadora renovação da conjuntura do pós-segunda guerra.

Seus principais companheiros de jornada e de interlocução, desde os tempos de juventude até a maturidade, foram o escritor e psicanalista Hélio Pelegrino e os também escritores Paulo Mendes Campos e Otto

Lara Resende. O grupo ficou conhecido como “os quatro cavaleiros do apocalipse”. De Minas Gerais para o destino sempre sonhado da então capital da república, a cidade do Rio de Janeiro, foram eternos parceiros de “puxar angústia” nos bancos da Praça da Liberdade, em Belo Horizonte, e de cultivar imaginação e memória ao longo de suas existências. Mesmo nas fases mais complexas de suas trajetórias individuais jamais deixaram de se encontrar para lembrar projetos, desencantos, sonhos e deixar as asas da imaginação correrem soltas.

O livro *O encontro marcado*, com conteúdo essencialmente citadino e existencialista, apresenta como cenário das lembranças de curto prazo, percorridas através da imaginação do escritor, a Belo Horizonte da sua infância e dos primeiros anos da sua juventude. Incorpora também praças, hotéis, pensões e ruas do Rio de Janeiro, cidade na qual o Sabino e seu personagem Eduardo Marciano enfrentaram tanto as duras dificuldades peculiares à transição da juventude para a idade adulta, como as vicissitudes e prazeres do cotidiano da maturidade.

O livro, totalmente integrado por traços autobiográficos, busca na memória do escritor a imagem e o imaginário (a lembrança do olhar vivido)<sup>11</sup>. Destaca ainda o mito de origem inerente à sua identidade urbana e à sua memória individual, entrelaçada às memórias social e cidadina, tal como analisei anteriormente:

*As cidades, como espaços de vivências coletivas, são paisagens privilegiadas de registros da memória. A pena dos escritores faz dessas paisagens personagens vivas de narrativas que, na interseção com a História, expressam, de forma policromática, a vida das pessoas no cotidiano de suas ruas, praças, cafés, escolas, museus, residências, universidades, fábricas, repartições públicas, bares, cinemas. As cidades são cristais de variadas luzes, entre elas as da memória, que, com sua temporalidade sempre em movimento, reencontra os lugares de ontem com sentimentos do presente.*<sup>12</sup>

Nesse sentido, a memória individual e as memórias das cidades, acopladas às temáticas do tempo e da geração, conformam a matéria-prima de *O encontro marcado*. Trata-se de uma obra de representação de um determinado tempo e, como tal, de acordo com Sandra Pesavento, “não atinge ou revela uma verdade única”.<sup>13</sup>

*O encontro marcado* foi publicado quando Brasília começava a ser projetada. É um romance essencialmente urbano e pode ser considerado como um espelho de uma época de crença no desenvolvimento, que teria na nova capital seu principal emblema. Uma nova capital que se constituiu como símbolo e monumento do progresso almejado. Dessa forma, o primeiro romance de Sabino inscreve-se entre as principais produções da literatura brasileira de inspiração urbana.

É nesse mundo enigmático, de um Brasil que se urbanizava a passos largos, que Eduardo Marciano construiu seu destino sempre marcado por profundas dúvidas existenciais. É ali, em meio aos vestígios da memória e das angústias próprias à modernidade, que Fernando Sabino, retrata um Brasil que, tal qual o personagem do livro, buscava inventar seu caminho. Um novo caminho a ser construído em meio às contradições do passado histórico nacional. Contradições atualizadas em um presente que se queria inovador.

<sup>11</sup> Ver BRANDÃO, Carlos Rodrigues. O sentimento do mundo: memória, destino e cenários da vida entre errantes mineiros. In: MENESES, Adélia Bezerra et al. (org.). *As faces da memória*. Campinas: Editora da Unicamp, 2001.

<sup>12</sup> DELGADO, Lucília de Almeida Neves. *História oral: memória, tempo, identidades*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2006, p. 117.

<sup>13</sup> PESAVENTO, Sandra Jatthy. *O imaginário da cidade: visões literárias do urbano*. Paris, Rio de Janeiro, Porto Alegre. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002, p. 11.

<sup>14</sup> SANTIAGO, Silvano. Depoimento. "Prosa e verso". *O Globo*, 7 out. 2006.

<sup>15</sup> SABINO, Fernando. *O encontro marcado*. 45. ed. Rio de Janeiro: Record, 1984, p. 90.

<sup>16</sup> *Idem, ibidem*, p. 85.

## **Tempo de reencontro: juventude e angústia no Brasil do otimismo**

No Brasil da década de 1950, Fernando Sabino, segundo Silvano Santiago, "propõe à literatura brasileira um modo de ser escritor, que difere do modo europeu típico das gerações que o precederam"<sup>14</sup>. Buscou fazer da atividade literária uma atividade profissional distanciando-se dos escritores mais velhos, que a praticavam, na maior parte das vezes, como um *hobby*. Escrever para Sabino era profissão. Sua angústia existencial e também a de seu personagem deve-se, em grande parte, à dificuldade de exercer somente a atividade de escritor e de dela tirar seu sustento. O Brasil se modernizava, mas a literatura e as artes continuavam sendo consideradas como um *hobby*, como um adereço. Ou também como atividades complementares aos empreendimentos econômicos, tidos como reais geradores de riqueza. Literatura e arte, portanto, eram vistas como retratos e representações do progresso ou como brisas que poderiam arejar o cotidiano de uma vida moderna, que supunha uma nova e incontrolável aceleração do tempo.

Sabino se insurgiu contra este tipo de concepção frívola sobre arte a literatura ao introduzir no seu fazer literário os desafios da sobrevivência e o registro da angústia. Para tanto cultivou algumas características, que foram marcantes em sua estréia e das quais não se afastou ao longo de sua carreira literária. São elas: estilo enxuto, bem elaborado e conciso; forte influência do existencialismo; diálogo com a psicanálise; rejeição aos modismos formais de composição do romance; diálogo crítico com tempo histórico no qual produziu seus textos.

Nesse sentido, *O encontro marcado*, em sua primeira parte, é uma obra que nos convida a passear pelas ruas de Belo Horizonte, dos meados dos anos 1940. E, em sua segunda parte, visita os cenários do centro e dos bairros da então capital federal, a cidade do Rio de Janeiro. Eis os cenários da obra. O enredo é traçado em torno do pacto de amizade entre três amigos que, ao se formarem no colégio, combinam um encontro para 15 anos depois. Os três jovens não queriam deixar que a esperança e os laços profundos de amizade se perdessem no cotidiano de suas vidas que naturalmente iriam se dispersar.

Era uma amizade típica dos filhos de uma classe média consolidada. Condição social que lhes favorecia, proporcionando-lhes tempo livre para, vagar pelas ruas da cidade, decifrar seus recantos, compartilhar segredos e também praticar atitudes transgressoras e desafiadoras, como a de escalar um dos principais viadutos de Belo Horizonte, o de Santa Tereza. "Eram vistos em toda parte: no cinema, na Praça, na avenida, nas confeitarias"<sup>15</sup>.

Era uma amizade, que se aprofundou e se consolidou em uma fase da vida na qual laços fortes e estreitos se projetam pelos anos vindouros. Essa amizade igualmente possibilitou, conforme o seguinte trecho do livro de Sabino, que os jovens compartilhassem, nos bancos da Praça da Liberdade, sensações de angústia existencial: "Hoje nós estamos afiados para puxar uma angustiazinha"<sup>16</sup>.

Eduardo Marciano, como seus amigos Mauro e Hugo, levava uma vida boêmia. Sentia prazer em desafiar o perigo. Juntos adotaram um discurso contestador, próximo à ideologia dos oprimidos, bastante disse-



minada com o fim da Segunda Grande Guerra, que propugnava por um mundo mais igualitário. O princípio da esperança percorre toda a trama do livro, mas a angústia existencial e os reiterados desencontros da vida de seu personagem atuam como contrapontos dessa esperança. Esses sentimentos nunca abandonaram Eduardo Marciano, ao longo de sua trajetória existencial.

Marciano, que era filho único, desde seus primeiros anos demonstrou algum desajuste com a vida da dita normalidade. Foi um garoto precoce, com forte pendor para a escrita. Seu talento de escritor se revelou muito cedo. Quando adolescente, inscreveu-se em uma maratona intelectual e ganhou o segundo lugar. Foi buscar seu prêmio, em dinheiro, no Rio de Janeiro e por lá ficou perambulando e se inspirando. Já pressentia que a diáspora seria em algum momento um desafio para sua vida de futuro escritor. “Saiu pela rua, mão no bolso, sentindo, que naquele momento começava a viver. Pobreza, fome, miséria — tudo era preciso para se tornar um escritor”.<sup>17</sup>

Ao narrar a história de Marciano, o autor, apresenta um relato sobre os costumes da época, em especial sobre os preconceitos próprios de uma Belo Horizonte ainda provinciana, na qual as pessoas ficavam à mercê do julgamento alheio, em especial quando se tratava de costumes. A cidade queria aderir aos encantos da modernidade, porém, paradoxalmente, não conseguia desatar os nós das tradições que a enredavam.

Sabino foi vítima dessas contradições e as relatou como inerentes à vida de seu personagem central. Marciano queria se dedicar à literatura, e seu pai o apresentou a um escritor amigo, Toledo. O primeiro mestre literário de Marciano, todavia, jamais havia conseguido firmar-se na profissão, pois sofria todo tipo de preconceitos que a carreira suscita. Era um erudito, mas estava sempre bloqueado. Introduziu o rapaz na leitura dos clássicos, contudo transmitiu-lhe, e a seus amigos, um desencanto algo conformista e a convicção de que a trajetória seria árdua: “Vocês pensam que podem reformar o mundo. Também já pensei assim. Com o tempo fui aprendendo umas tantas coisas. É preciso compreender antes de julgar... A natureza humana é frágil, ninguém é perfeito. É assim mesmo que o mundo tem que ir para frente...”.<sup>18</sup>

A vida de Marciano será sempre desajustada, marcada por alguma perda. Dentre elas se destaca a do filho ainda no ventre de sua mulher Antonieta, da qual se separou algum tempo depois. Além disso, mesmo tendo se mudado para o Rio de Janeiro, sua vocação de escritor não conseguiu se afirmar e ficou, por muitos anos, limitado por um emprego burocrático, que lhe garantia a sobrevivência. Sua vida foi uma antítese da euforia dos anos da esperança do desenvolvimentismo. Mas o princípio da esperança, apesar da tensão do texto, não se perdeu por completo. Afinal Sabino e ou Marciano são filhos do tempo da modernidade tardia. Ele busca reencontrá-lo, quinze anos após sua partida daquela de Belo Horizonte, ao retornar à cidade, para o encontro marcado com seus amigos. Marcado e não realizado.

### **Cidades, literatura, representações e memória**

As cidades são lugares plenos de significados nos quais a vida urbana pulsa em um movimento contínuo, sempre renovável. Segundo

<sup>17</sup> *Idem, ibidem*, p. 26.

<sup>18</sup> *Idem, ibidem*, p. 79.



<sup>19</sup> PESAVENTO, Sandra Jatthy, *op. cit.*, p. 9.

<sup>20</sup> DELGADO, Lucilia de Almeida Neves, *op. cit.*, p. 117.

<sup>21</sup> Cf. MONS, Alan. *La métaphore social*. Paris: PUF, 1992.

<sup>22</sup> Ver CERTEAU, Michel. *L'écriture de l'histoire*. Paris: Gallimard, 1985.

<sup>23</sup> Ver WHITE, Hayden. *Meta-história: a imaginação histórica no século XIX*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1992.

<sup>24</sup> Ver CHALHOUB, Sidney. *Visões da liberdade: uma história das últimas décadas de escravidão na corte*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990, e CHALHOUB, Sidney e PEREIRA, Leonardo Afonso (orgs.). *A história contada: capítulos de história social da literatura no Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

<sup>25</sup> Ver BOLLE, Willi, *op. cit.*

Pesavento, “sendo a cidade, por excelência, o ‘lugar do homem’, ela se presta à multiplicidade de olhares entrecruzados, que, de forma transdisciplinar, abordam o real na busca de cadeias e significados”.<sup>19</sup>

De fato, como signos da modernidade e da pós-modernidade, são as cidades realidades sempre em transformação. Seus espaços de vivências coletivas constituem-se em férteis celeiros para análises sociológicas, históricas, arquitetônicas, e antropológicas, entre outras. São também as cidades cenários de rica produção literária, incluindo a memorialística e a ficção. “As cidades, como espaços de vivências coletivas, são paisagens privilegiadas de registros da memória. A pena dos escritores faz dessas paisagens personagens vivas de narrativas, que na interseção com a história, expressam, de forma policromática, a vida das pessoas no cotidiano de suas ruas, praças, cafés, museus, residências, universidades, fábricas repartições públicas, bares, cinemas.”<sup>20</sup>

Memórias e metáforas, não raras vezes, encontram-se na literatura que tece representações individuais e coletivas sobre a vida urbana. O termo “metaforização do social” cunhado por Alan Mons<sup>21</sup>, muito apropriado às interpretações da História Cultural, também cabe nas análises que entrecruzam literatura e história. Fernando Sabino constrói uma expressiva representação da vida urbana na qual esteve integrado. Representação apresentada através da trajetória do personagem central de *O encontro marcado*, Eduardo Marciano. Representação que inclui um retrato em movimento de uma conjuntura histórica específica da história republicana brasileira, uma vez que o movimento de construção da representação é simultaneamente o de apresentação da realidade da vida social. Palavras e imagens nutrem essa realidade de significados e traduzem valores e condutas, peculiares à vida dos brasileiros nos tempos do desenvolvimentismo.

As representações literárias urbanas, tal qual a construída em *O encontro marcado*, conferem sentidos às cidades, além de resgatar e apresentar ao leitor os cenários citadinos, com seus múltiplos personagens sociais. Nesse sentido, ao narrar a trajetória pessoal de Marciano, Sabino apresenta a realidade social das cidades de Belo Horizonte e do Rio de Janeiro das décadas de 1940 e 1950. Realidade urbana, personagens, temporalidade e memória de curta duração são elementos chave da trama literária do autor, que podem, por sua potencialidade criativa e foco na realidade, estimular e desafiar o historiador das cidades e da cultura.

A interseção entre literatura, história e memória tem sido objeto de análises e reflexões de importantes estudiosos da História e das Letras, destacando-se, entre eles, Michel de Certeau<sup>22</sup>, Hayden White<sup>23</sup>, Sidney Chalhoub<sup>24</sup> e Willi Bolle<sup>25</sup>. Ao tratarem de questões como narrativa e História, fontes literárias e História, memória e História, não só contribuem para distinguir história de literatura, e história de memória, mas também para apresentar o possível diálogo entre as formas de narrativas, histórica, literária e memorialística.

Enquanto a narrativa histórica busca referir-se a um passado real, a narrativa literária, em especial sob a forma de romance, possibilita maior liberdade criativa, incluindo a escrita ficcional. É comum, todavia, encontrar-se em textos literários, uma amálgama entre realidade e ficção. Este é o caso de *O encontro marcado*. Seu enredo transita entre a realidade, a memória, a representação do autor sobre a realidade e a ficção.

Dessa forma, sua narrativa contém registros, que podemos considerar como históricos, sobre modos de vida e cotidiano das cidades de Belo Horizonte e Rio de Janeiro.

A narrativa literária de Fernando Sabino é uma rica representação de um tempo específico e de diferentes cenas urbanas, ora vistas pelos olhos de um menino, ora pela sensibilidade do mesmo menino transformado em adolescente e em seguida jovem, ora absorvidas pela retina de um adulto angustiado. Ao traçar uma trajetória individual, Sabino expõe traços de uma realidade histórico-social, além de qualificar o urbano. As imagens por ele traduzidas em texto incorporam sua visão e sentimentos sobre as cidades, cenários de seu livro. Incorporam também hábitos sociais, dilemas e desafios do tempo no qual o autor foi criança, jovem e se transformou o adulto.

Em seu livro a memória se faz literatura e ficção. Faz-se busca de reencontro do que, inexoravelmente, flui e se perde na dinâmica do tempo. Em *O encontro marcado* acompanha-se o crescimento de Marciano e, com ele, em especial o da cidade de Belo Horizonte. No entanto, só quando retorna à capital de Minas Gerais, para se reencontrar com os amigos, o personagem se dá conta de que a cidade se transformou. Seus olhos do passado se espantam com a realidade do presente. A representação que havia construído sobre os lugares da cidade de sua infância e adolescência não corresponde, de forma exata, à realidade reencontrada e simultaneamente perdida. A realidade desencontra-se, descola-se da memória. "Nada importava mais, senão que haviam acabado com o banco da Praça. O novo prefeito fizera um estrago no jardim, pondo abaixo as velhas touceiras de antigamente, substituindo tudo por uma grama rasa, bem aparada, ridícula. Os bancos agora eram de mármore, como túmulos. Nada mais o ligava àquele lugar."<sup>26</sup>

Acontece que o narrador de memórias nunca caminha em linha reta; seu relato, de acordo com Aguiar, é marcado por bifurcações, quinas e curvas<sup>27</sup>. Inclui os esquecimentos e as sobrevalorizações. É representação pessoal, da realidade passada. É diálogo, nem sempre apaziguado, entre a realidade transformada e a recordação, pois, conforme Catroga, a memória tende a sacralizar as lembranças.<sup>28</sup>

*O encontro marcado* é um rito da recordação. E os ritos tendem a congelar o tempo, na busca dos momentos e experiências um dia significativos. E foram significativas as molecagens de Marciano e de seus companheiros. Foram significativas as horas de vagar pelas ruas e alamedas de Belo Horizonte, cidade representativa de uma modernidade tardia, quase que compulsória. Foram significativas as horas de puxar angústia, sentimento existencial que tanto marcou a geração de Sabino. Sentimento lamentado como uma perda por Marciano, quando de seu retorno a Belo Horizonte.

*Chegou hora de puxar angústia.*

*Chegou a hora. Mocidade velha, cansada, desnorteada, exaurida, quando chegaria enfim a tua hora? Quantos séculos de angústia coletiva te fizeram? Quantas horas de aflição foram vividas, quantos corações se extenuaram no amor e na esperança para te entregarem desamparada no mundo novo? e que será de ti neste mundo? Que será do mundo? Perguntas sem resposta e sem sentido que ele largava na praça avermelhada pelo crepúsculo. 'Aqui outrora retumbaram hinos', pensou, e logo se afastava dali.<sup>29</sup>*

<sup>26</sup> SABINO, Fernando, *op. cit.*, p. 235.

<sup>27</sup> Cf. AGUIAR, Joaquim Alves. *Espaços da memória: um estudo sobre Pedro Nava*. São Paulo: Edusp, 1998.

<sup>28</sup> Cf. CATROGA, Fernando. *Memória, história e historiografia*. Coimbra: Quarteto, 2001.

<sup>29</sup> SABINO, Fernando, *op. cit.*, p. 237.

<sup>30</sup> *Idem, ibidem*, p. 177.

<sup>31</sup> *Idem, ibidem*, p. 59.

<sup>32</sup> *Idem, ibidem*, p. 89.

<sup>33</sup> *Idem, ibidem*, p. 163.

<sup>34</sup> *Idem, ibidem*, p. 144.

## Os vários discursos de *O encontro marcado*

À guisa de considerações finais cabe destacar que vários discursos se fundem, se entrelaçam e dialogam entre si na escrita de Sabino. São discursos muito próprios à etapa agitada, quase febril, do pós-guerra e à fase de vida de três jovens, que, ao ganharem a autonomia juvenil para flunar pelas ruas de Belo Horizonte, descobriam novos prazeres e dificuldades da vida. São eles:

(a) o discurso psicanalítico, que acompanhará as tramas literárias de Sabino ao longo de sua trajetória de escritor. Em seu texto de estréia, o autor incluiu palavras/conceitos tais como subconsciente, angústia, moral repressora, a exemplo do trecho a seguir: “um sino pôs-se a tocar na igreja próxima, denunciando o momento suspenso entre a realidade e o mistério. Apoiou-se à parede — seu corpo tremia, o coração disparava e todo ele parecia tocar o mais fundo da angústia. Sim, aquilo era angústia. Num grande esforço tentou ainda ordenar os pensamentos, entender as coisas ao redor — não entendia mais nada.”<sup>30</sup>;

(b) o discurso existencialista, inspirado pelas idéias e obras de Jean Paul Sartre, escritor francês, que incorporou em seus textos e conferências muitas das dúvidas existenciais da juventude do mundo ocidental daqueles anos. Sabino registrou, em um estilo apurado e seco, as hesitações e perplexidades de Marciano e a angústia dos demais personagens do livro frente ao efêmero da existência, à fatalidade da vida e à inutilidade das coisas. Tudo isso em uma época na qual o discurso otimista era hegemônico.

*Tema habitual de Hugo: o efêmero da existência. Nada valia, tudo precário, equívoco contraditório. Vinha escrevendo um livro, uma espécie de ensaio poético, em que procurava transmitir esse sentimento da inutilidade das coisas.*<sup>31</sup>

*A consciência é inútil sem uma convicção adquirida. Isso que estamos fazendo é inútil, é masoquismo. Não temos importância, somos apenas três coisas largadas, desarvoradas, aflitas. Está acima de minhas forças dizer alguma coisa mais...*<sup>32</sup>;

(c) o discurso nostálgico da memória, traduzido por suas próprias lembranças, vivenciadas no livro por Eduardo Marciano. Nesse sentido, ao se referir à cidade de Belo Horizonte da década de 1940, o autor construiu, em 1956, um representificação da infância e da juventude perdidas, das ruas desencontradas no decorrer da vida, da ambientação dos espaços públicos e privados da cidade e dos dias de outrora. Memória que é evocação de um tempo que fluiu com a rapidez da curtíssima duração. Nostalgia traduzida, por exemplo, de maneira contundente, pelos seguintes trechos do livro:

*Existem palavras essenciais: amor, infância, pureza, espaço, tempo. Com elas eu escreveria um romance, cem romances. O amor como atitude estética diante da vida, realização da pureza no espaço e da infância no tempo. Tudo mais é literatura.*<sup>33</sup>

*Ai, Minas Gerais, já ter saído de lá, tuas sombras, teus noturnos, teus bêbados pelas ruas. Eduardo Marciano, minha mágoa, minha pena, minha pluma, merecias morrer afogado, o barco te leva para longe, a praia está perdida, mas voltarás, nem que tenhas que andar sobre as águas*<sup>34</sup>;

(d) o discurso social e político, marcado pela valorização da liberdade individual, pela crítica ao fascismo e à “moral burguesa”. Marcado também pela adesão aos valores da solidariedade social, como se explicita na seguinte parte do livro: “pretendemos... o desencadeamento das forças comuns a todo homem, a toda a humanidade, sabe como é? Adormecidas, há séculos, pelas exigências da vida em sociedade. Subjugadas pelos preconceitos. A moral burguesa. As convenções sociais. Essa coisa toda. Uma espécie de subconsciente coletivo, de que Freud não pensou, nem ele, nem ninguém”<sup>35</sup>;

(e) o discurso de valorização da literatura como forma de expressão da humanidade, uma vez que, entre as principais descobertas dos três jovens, a literatura universal alcançou patamar de real importância na sua formação. “Liam Bernanos, Mauriac, Maritain — não chegavam até São Tomás, mas se diziam neotomistas”<sup>36</sup>. E ainda: “juntos faziam suas descobertas literárias. Que literatura proletária! Verlaine, isso sim; Rimbaud, Valéry. Juntos choraram Baudelaire. Neruda, Garcia Lorca, Fernando Pessoa, soltos pelas ruas.”<sup>37</sup>

E, por fim, (f) o discurso do otimismo, que não podia faltar àqueles anos. Discurso ganha expressão significativa ao fim da primeira parte do livro: “De tudo ficaram três coisas: a certeza de que ele estava sempre começando, a certeza de que era preciso continuar e a certeza de que seria interrompido antes de terminar. Fazer da interrupção um caminho novo. Fazer da queda um passo de dança, do medo uma escada, do sono uma ponte, da procura um encontro.”<sup>38</sup>



*Artigo recebido e aprovado em novembro de 2006.*



<sup>35</sup> *Idem, ibidem*, p. 65.

<sup>36</sup> *Idem, ibidem*, p. 80.

<sup>37</sup> *Idem, ibidem*, p. 54.

<sup>38</sup> *Idem, ibidem*, p. 142.